

Boletim

A revista do Sistema

INFORMATIVO



SISTEMA FAEP



Ano XXVI | nº 1168

5 a 11 de março de 2012

Tiragem desta edição: 24.000 exemplares



Paranaguá tem o maior embarque da história

- 2 Infraestrutura**
 Recorde no porto
-
- 8 Pesquisa**
 As vespinhas
-
- 10 Leite**
 Mudanças com a IN 62
-
- 12 Avicultura**
 Novas planilhas de custo
-
- 13 Gringos**
 Americanos chocados
-
- 14 Perdas**
 O copo do SENAR-PR
-
- 16 Frutas**
 As uvas rústicas
-
- 20 Cavalos**
 Na ponta dos cascos
-
- 23 Safra**
 Perdas e quedas
-
- 24 Dia da Mulher**
 Nossas líderes
-
- 26 Via rápida**
 Caixão, Supermercados, Ilhas
 Titanic, Gafes e Mar Morto
-
- 28 Cursos**
 Inclusão digital, Posses, Milho
 Gestão e Olericultura
-
- 30 Notas**
-
- 31 Cartas**

Porto de Paranaguá
 bate recordes e prevê
 novos investimentos



No final de agosto do ano passado, o governador Beto Richa fez, em Paris, uma apresentação das potencialidades do Paraná para um grupo de empresários franceses na embaixada brasileira. No seu depoimento, ele abordou a necessidade de modernizar principalmente o porto de Paranaguá “o pulmão da nossa economia”. As observações de Beto tiveram o testemunho de seus acompanhantes na viagem, entre eles o presidente da Assembleia Legislativa, deputado estadual Valdir Rossoni, o líder do governo no legislativo, deputado estadual Ademar Traiano e o secretário da Agricultura, Norberto Ortigara.



do âncoras

No final de fevereiro último, o “pulmão” esbanjou saúde, demonstrada nos resultados obtidos em 2011, ao registrar o movimento recorde de 41 milhões de toneladas, num aumento de 8% sobre o volume do ano anterior, o maior volume de embarque da história.

“O ano de 2011 foi muito bom para os portos paranaenses. Batemos diversos recordes, recuperamos muitas cargas e a expectativa para 2012 é aumentar ainda mais essas marcas. Só na exportação de granéis, devemos ter um aumento significativo”, afirmou o superintendente da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina, Airton Vidal Maron.

De fato, a demanda por alimentos aumentou a movimentação nas exportações, ao mesmo tempo em que também ocorria o aumento nas importações de fertilizantes. Assim, de janeiro a novembro, passaram pelo porto nada menos do que 2.341 navios e as filas de caminhões esperando para descarregar a produção agrícola que rendiam manchetes nos jornais e TVs desapareceram.

Mesmo com suas limitações o Porto de Antonina teve um crescimento de 400%, com 1,54 milhão de toneladas, também no ano passado. O salto ocorreu principalmente pelo uso do porto como alternativa ao desembarque de fertilizantes.



Olho gordo

O engenheiro Caron e sua diretoria assumiram a Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (APPA) com uma história na última década comprometida pela falta de iniciativas e por denúncias. Estas foram transformadas em investigações e inquéritos na Polícia Federal. Ao adotar mudanças na forma de agir e estimular projetos de expansão e modernização do porto feriram setores acostumados aos maus costumes na área de investimentos públicos. Por isso, na semana passada, duas consistentes manifestações de apoio à atual administração chegaram às mãos do governador Beto Richa. Do Sistema FAEP, comunicando ao governador do Estado que “o trabalho da equipe liderada pelo engenheiro Aitrton Maron já começou a dar resultados positivos, o que para nós significa uma solução para um passado difícil e que, esperamos, seja rapidamente superado”. (Veja pg 6).

E da Diretoria da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Paranaguá – ACIAP, com mais de 20 assinaturas, rea-

firmado “a confiança da comunidade portuária no atual superintendente da APPA, convictas de sua continuidade na função para preservar a paz e o desenvolvimento do Porto deixando para trás os danosos conflitos tão frequentes até 2010”.

Nesse perfil positivo dos portos paranaenses o destaque na movimentação foi a exportação de soja. Em 2011 foram 7 milhões de toneladas exportadas, volume 30% ao superior ao registrado em 2010. Considerando toda a movimentação do Corredor de Exportação, foram 14 milhões de toneladas de soja, milho, farelo de soja, açúcar e trigo exportados. A marca é a maior registrada pelo Corredor desde 2001.

Açúcar e veículos

- A exportação de açúcar fechou o ano em alta de 13%, totalizando 4 milhões de toneladas movimentadas. Os fertilizantes registraram alta de 25% em relação a 2010, fechando o ano com 9 milhões de toneladas importadas do produto.



- A movimentação de veículos também registrou alta. Foram pouco mais de 230 mil unidades, volume 27% superior ao registrado no ano anterior. A movimentação de contêineres registrou leve alta, fechando 2011 com 680 mil TEUs (Containers de 20 pés) movimentados.

Resultados financeiros

A receita gerada pelos portos de Paraguá e Antonina em 2011 registrou alta de 16% em relação a 2010. No ano de 2010 – no comparativo com 2009 - os portos paranaenses registraram déficit de 11% em relação à receita gerada pelas operações.

Cada tonelada de carga movimentada pela APPA teve custo de R\$ 3,34, contra R\$ 3,83 no ano anterior, totalizando uma redução real de 15% do custo por tonelada.

Investimentos para 2012

A redução nas despesas fez com que sobrassem mais recursos para serem aplicados em obras de infraestrutura. Para 2012, há

uma expectativa de investimentos na ordem de R\$ 1 bilhão, somando investimentos com recursos próprios, federais e da iniciativa privada.

- Investimentos próprios de R\$ 230 milhões para realização de obras como o aprofundamento do cais, a dragagem do canal da galheta e do novo sistema de segurança do porto.
- Investimentos federais de R\$ 50 milhões para 2012, de um total de R\$ 900 milhões, para a dragagem de aprofundamento e a ampliação do corredor de exportação, duplicando a capacidade de escoamento.
- Investimentos da iniciativa privada de R\$ 800 milhões para a construção de cais, compra de equipamentos e construção de terminais de armazenagem para importação e exportação de produtos.



Reconheça-se que a atual administração desenvolve um amplo projeto de expansão da infraestrutura do Porto de Paranaguá, para atender uma demanda futura muito maior.

Nilson H. Camargo, agrônomo da FAEP.



Em 2030

Pesquisadores da Universidade de Santa Catarina, responsáveis pela elaboração do Plano Nacional de Logística Portuária, apresentaram em Brasília, os resultados relativos aos estudos realizados no Porto de Paranaguá. Contratada pela Secretaria de Portos, a UFSC está realizando o planejamento portuário para os principais portos do país para os próximos 20 anos.

Segundo a análise, até 2030, os portos de Paranaguá e Antonina deverão movimentar 80 milhões de toneladas de cargas, duplicando a atual movimentação. Os projetos de expansão da APPA somam investimentos de

R\$ 3 bilhões. Com eles, o Porto de Paranaguá passaria de 20 para 32 berços de atracação.

“Reconheça-se que a atual administração desenvolve um amplo projeto de expansão da infraestrutura do Porto de Paranaguá, para atender uma demanda futura muito maior”, diz o representante do Sistema FAEP no Conselho da Autoridade Portuária (CAP), o agrônomo Nilson Hanke Camargo, “mas os exportadores e importadores do agronegócio estão reivindicando o atendimento imediato de investimentos, impossíveis de serem postergados, aliás como o próprio relatório da APPA especifica”.



O APOIO DO SISTEMA FAEP



Senhor Governador

A Administração do Porto de Paranaguá nos encaminhou relatório das operações do ano passado mostrando a conquista de um novo recorde de embarque, bem como a súmula do projeto de expansão e modernização portuária. A leitura de ambos os documentos nos afigura que a APPA entrou no compasso certo para reerguer o porto e transformá-lo num instrumento poderoso para incentivar as exportações de produtos paranaenses e, ao mesmo tempo, reduzir os custos de transporte tanto dos produtos que saem como os insumos importados.

O trabalho da equipe liderado pelo engenheiro Airton Maron já começou a dar os resultados positivos, o que para nós significa uma solução para um passado difícil e que, esperamos, seja rapidamente superado.

Na esperança de que o ritmo impresso pela atual Administração do porto seja mantido, apresentamos nossas cordiais saudações.

Ágide Meneguette
Presidente

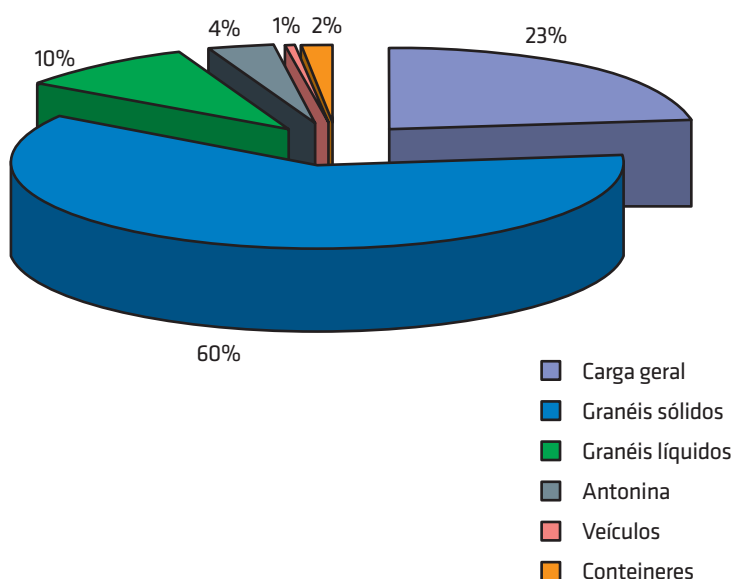
Os grandes números

O Porto de Paranaguá liderou as exportações brasileiras do complexo soja (grão, farelo e óleo), totalizando um volume de 12,25 milhões de toneladas, superando os portos de Santos, Rio Grande e São Francisco do Sul. O crescimento de 8% na movimentação geral ficou acima da média nacional, que foi de 5%.

Destaques do ano

Produto	2011	2010	Cresc. %
Soja	6.991.246	5.354.513	31
Veículos (unidade)	230.466	181.459	27
Fertilizante	9.084.914	7.235.101	26
Açúcar Gr.	4.374.396	3.898.561	12
Antonina	1.545.349	313.757	393
Receita Cambial	US\$ 17,6 bi	US\$ 14,4 bi	22
Movimentação Total	41.061.339	38.160.972	8

Movimentação por tipo de marcadoria



Recordes atingidos

Produto	2011	Anterior	Dif. %
Soja	6.991.246	2003 5.931.950	18
Veículos (unidade)	230.466	2010 181.459	27
Fertilizante	9.084.914	2007 8.317.000	9
Açúcar Gr.	4.374.396	3.898.561	12
Antonina	1.545.349	2004 1.091.016	42
Receita (USD mil)	17.630.328	2008 14.027.621	26
Corredor de Exportação	14.014.392	13.873.269	1
Movimentação Total	41.061.339	2007 38.225.388	7

Movimentação de cargas

Produto	2011	2010	Dif. %
Carga geral	9.822.496	9.519.962	3
Gran. sólidos	25.575.126	24.295.751	5
Gran. líquidos	4.118.368	4.031.502	2
Antonina	1.545.349	313.757	393
Veículos	230.466	181.459	27
Contêineres	680.867	672.258	1
Movimentação Total	41.061.339	38.160.972	8

Comparativo

Porto	Cresc. em tonelada	Cresc. em Receita
Santos	-1%	23%
Paranaguá	8%	33%

O voo das vespinhas

O controle biológico reduz os custos de combate à lagarta-do-cartucho



Adeney de Freitas Bueno:
pesquisador entomologista
da Embrapa

Lagarta-do-cartucho



VESPINHAS

Muito pequenas, com dimensões inferiores a 1 mm, as fêmeas da vespinha fazem a postura dos ovos no interior do ovo de seu hospedeiro. A larva nasce, se alimenta do conteúdo do ovo hospedeiro, num ciclo de desenvolvimento do parasitoide que se passa todo no interior do ovo da praga. Ao completar a fase larval se torna uma vespa adulta que, de imediato, inicia o processo de busca de mais ovos da praga para parasitar e, assim, propagar a espécie. As vespinhas de *Trichogramma* são criadas e vendidas por biofábricas por meio de cartelas com o inseto na fase de pupa, acondicionadas em diferentes recipientes. Cada um deles contém subdivisões (com cerca de 2.100 mil ovos de *Trichogramma*) que devem ser colocadas na própria planta.

Fonte: Embrapa

Um estudo divulgado pela Embrapa Milho e Sorgo (Sete Lagoas-MG) mostra que o uso das *Trichogramma* spp. - vespinhas usadas no controle biológico às pragas da lavoura custa 50% a menos que os agrotóxicos e são inofensivas à saúde do homem e ao meio-ambiente. O alvo dos insetos é a lagarta-do-cartucho, principal praga do milho.

O coordenador da pesquisa, engenheiro-agrônomo e entomologista, Ivan Cruz, explica que basta soltá-las na lavoura que elas encontram os ovos da praga e, dentro deles, botam os seus. Em alguns dias, as larvas das vespinhas nascem e passam a se alimentar das futuras lagartas-do-cartucho. Com a introdução das vespinhas na lavoura, o ciclo biológico da praga é interrompido e descarta a utilização de agrotóxicos.

Segundo ele, o “trabalho” da vespinha é perfeito, porque evita que a lagarta-do-cartucho provoque qualquer tipo de dano à planta. O Brasil é um dos maiores produtores de milho no mundo, a estimativa para as duas safras neste ano é de 15 milhões de hectares de área plantada e uma produção anual de 60 milhões de toneladas de grãos. Segundo a Embrapa, o ataque da lagarta-do-cartucho reduz de 15% a 34% o rendimento do grão.

Vantagens e dificuldades

Na avaliação do pesquisador entomologista da Embrapa Soja, Adeney de Freitas Bueno, apesar da eficácia no uso desses insetos como agentes de controle biológico, uma das principais dificuldades é monitorar a lavoura porque exige cuidado e atenção dos produtores. “Muitas vezes o agricultor compra os insetos para realizar o controle biológico, mas continua usando outros agrotóxicos em seguida e acaba provocando a morte deles”, explica. Lembra ainda que, em algumas culturas, a utilização dos insetos não interrompe a aplicação de produtos químicos, apenas reduz sua quantidade.

Outra barreira, de acordo com ele, é o pe-

queno número de biofábricas que atuam no mercado. Hoje há apenas poucas empresas no país. “Esse é um fator limitante porque o produtor sabe que existe um inseto para combater determinada praga, porém tem dificuldades de onde comprar”, lamenta. Diretor comercial da empresa Bug Agentes Biológicos, em Piracicaba (SP), Diogo Carvalho, afirma que a tendência é que aumente a oferta de agentes biológicos. “Estamos buscando soluções para problemas com pragas em culturas como eucalipto, fumo e pastagens”, afirma.

Entre as vantagens, o pesquisador aponta, além da economia na aplicação de produtos químicos, o fato de o agricultor reduzir os danos ao meio ambiente e ao homem. Acrescenta que a utilização frequente de inseticidas seleciona a população resistente de insetos-pragas. Ou seja, o produtor gasta e não consegue um controle satisfatório. Com a utilização de insetos e outros agentes biológicos de controle pode-se quebrar essa resistência, mantendo a praga num nível considerado abaixo daquele que é considerado “nível de dano”, conseguindo manter um equilíbrio na área.

Experiência

Há pouco mais de 10 anos, o agricultor Eduardo Nobuo Watanabe, de Londrina, utiliza as vespinhas *Trissolcus basalis*, espécie de inimigo natural dos percevejos, nos 9,6 hectares de lavoura de soja. Ele compra de uma empresa, em São Paulo, cartelas de papelão contendo ovos de percevejo com a pupa da vespinha.

Para cada hectare são aplicadas três cartelas de ovos e depois as vespinhas vão se multiplicando no campo, diminuindo a necessidade de introdução dos insetos. “Antes do controle biológico, fazia três aplicações de produto químico, hoje faço apenas uma”, compara. Pelas contas de Watanabe, a utilização das vespinhas garante uma economia de pelo menos 50% em agrotóxicos.

Saiba mais

Qualquer produtor, independente do tamanho da área, pode utilizar insetos para combater as pragas na lavoura. O que ocorre é que alguns inimigos naturais de pragas ainda não estão disponíveis para a venda no mercado.

O Brasil já tem o maior programa de controle biológico do mundo com o uso da vespinha *Cotesia flavipes* no combate à broca da cana-de-açúcar.

Assim como ocorre com a liberação do uso de determinado inseticida, o controle biológico também precisa ser registrado para controle da praga alvo.

Leite: As mudanças

O Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite foi criado para garantir um produto com maior segurança para o consumidor, com maior rendimento industrial e melhor renda para o produtor. O principal instrumento legal que determina as diretrizes para promover esta melhoria de qualidade do leite foi a Instrução Normativa (IN) 51 editada em 2002 pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) que estabeleceu os principais atributos de qualidade do leite à partir de 1º de julho de 2005 para as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul e à partir de 1º de julho de 2007 para as regiões Norte e Nordeste.

Para entendermos melhor as mudanças vale lembrar que a IN 51 previa a sua implantação em três fases. Os parâmetros de qualidade das duas primeiras fases estão descritos na tabela abaixo:

	Fase 1 a partir de 1/7/2005	Fase 2 – a partir de 1/7/2008		
	Leite cru refrigerado	Leite cru refrigerado	Leite A	Leite B
CPP (UFC/ml)	1.000.000	750.000	10.000	500.000
CCS (cel/ml)	1.000.000	750.000	600.000	600.000
Redutase		m 1:30 h	m 3:30h	m 5 h
Crioscopia	-0,530ºH		-0,530ºH	

CPP: contagem padrão em placas

CCS: contagem de células somáticas

Na época de implantação da terceira fase foram detectadas algumas dificuldades que os produtores teriam para atingir os parâmetros previstos para entrarem em vigor. Nesta terceira fase no leite cru refrigerado, a Contagem Bacteriana Total deveria passar de 750 mil UFC/ml para 100 mil

Veja os padrões da Instrução Normativa em vigor desde janeiro de 2012

UFC/ml no leite individual (de cada vaca) e 300 mil UFC/ml para o leite de conjunto (de todas as vacas em lactação da propriedade), e também a Contagem de Células Somáticas, que deveria baixar de 750 mil para 400 mil/ml de leite. Estas reduções foram consideradas muito difíceis de serem atingidas pela grande maioria dos produtores brasileiros neste momento.

Outro problema levantado para a terceira fase da IN 51 e que precisava ser corrigido na nova normativa se refere ao leite cru refrigerado para o qual estava determinado um padrão microbiológico mais rígido que o do leite B. Conforme demonstrado na tabela abaixo:

	A	B	Cru refrigerado
CPP UFC/ml	10.000	500.000	300.000 ¹ 100.000 ²
CSS cel/ml	600.000 cel/ml	600.000	400.000

1. Leite de conjunto: todas as vacas da propriedade;
2. Leite individual: de cada vaca.

Também foi levantado o questionamento de que na fase 3 da IN 51 a Contagem Bacteriana Total do leite cru refrigerado 100 mil UFC/ml e no leite pasteurizado de 80 mil UFC/ml e que esta diferença está muito próxima uma vez que o processo de pasteurização reduz a Contagem Bacteriana Total em aproximadamente 90%.

Por tudo isto o considerou-se que os parâmetros da fase 3 da IN 51 estavam muito rígidos e a grande maioria dos produtores não conseguiriam se enquadrar.

Após muito diálogo entre representantes de produtores, indústrias e governo, o MAPA editou a IN 62, adequando os parâmetros e prazos exigidos na terceira fase

com a IN 62



de implantação da IN 51 à realidade da maioria dos produtores de leite.

Principais alterações da I.N. 62:

- Não existe mais o leite tipo B, apenas leite tipo A e o leite cru refrigerado que dará origem na indústria ao leite pasteurizado.
- A IN 62 altera a classificação do leite pasteurizado quanto ao teor de gordura, abolindo o leite padronizado permanecendo apenas o leite integral, semi-desnatado e desnatado.
- Quanto aos aspectos físico-químicos a IN 62 extinguiu a prova de redutase (TRAM).
- O ponto crioscópico (ponto de congelamento), retornou o intervalo $-0,530^{\circ}\text{H}$ a $-0,550^{\circ}\text{H}$ (na IN 51 era apenas $-0,530^{\circ}\text{H}$), isto é importante porque o leite que se apresenta fora deste intervalo significa: ou a presença de fraude por adição de água ou ser um leite muito ácido.
- Temperatura de conservação máxima

na propriedade que antes era diferenciada do tanque de expansão = 4°C e do tanque de imersão = 7°C , como a coleta misturava tudo no transporte então a IN 62 definiu com 7°C podendo chegar até 10°C no laticínio.

- Quanto aos parâmetros microbiológicos ver tabela abaixo:

Quadro demonstrativo das diferenças dos parâmetros microbiológicos entre a fase 3 da I.N. 51/2002 e da I.N 62/2011 válida desde 01/2012.

	Fase 3 I.N. 51 – a partir de 1/1/2011*			IN – 62 à partir de 01/01/2012	
	Leite cru refrigerado	Leite A	Leite B	Leite cru refrigerado	Leite A cru
CPP (UFC/ml)	100.000 leite individual e 300.000 leite de conjunto	10.000	500.000	A partir 01/01/2012 = 600.000 A partir 01/07/2014 = 300.000 A partir 01/07/2015 = 100.000	10.000
CCS (cel./ml)	400.000	600.000		A partir 01/01/2012 = 600.000 A partir 01/07/2014 = 500.000 A partir 01/07/2015 = 400.000	Até 30/06/2014 = 480.000 Até 30/06/2016 = 400.000 À partir de 01/07/2016 = 360.000
Redutase	Idem fase 2			Desaparece	
Crioscopia	$-0,530^{\circ}\text{H}$			$-0,530^{\circ}\text{H}$ a $-0,550^{\circ}\text{H}$	

* Adiada de julho para dezembro de 2011 pela IN 32 de 30/06/2011.

Portanto haverá apenas dois tipos de leite: o tipo A e leite pasteurizado quanto aos aspectos microbiológicos e quanto a sua classificação para gordura haverá apenas três categorias: integral, desnatado e semidesnatado.

A nova Instrução Normativa está, na verdade, dando mais um prazo aos produtores e a indústria a perseguirem a qualidade necessária para oferecer um produto de qualidade crescente aos consumidores e se tornar competitiva no mercado internacional.



O custo da avicultura

Novas planilhas fecharão o ciclo de custos dos avicultores

Depois de consolidar as planilhas de custos de produção da avicultura de corte (2010), a FAEP vai iniciar outra etapa com a criação de planilhas de custos para ovos incubados dos integrados pela BR Foods. Dessa forma se concluirá o ciclo de custos das fases de produção dos avicultores, que terão condições de avaliar o rendimento real de seus aviários. Essa decisão ocorreu no último dia 16, em reunião preliminar realizada no Sindicato Rural de Castro. “Criamos a planilha que servirá de base para as discussões entre os produtores e a BR Foods, que está analisando os dados”, disse o médico-veterinário Fabrício Monteiro do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP.

Agora, em março, uma nova reunião vai ocorrer para a apresentação dos custos de ambas as partes e contornar eventuais diferenças. Os produtores pediram apoio da FAEP na discussão final com a BR Foods, porque a entidade dispõe de técnicos e ferramentas para possíveis controvérsias com os dados que vierem a ser apresentados pela indústria, como a questão da depreciação das instalações e dos alojamentos das aves.

“Nosso trabalho continua sendo uma referência nacional na avicultura de corte, inclusive com

a própria indústria questionando a viabilidade de suas operações no Mato Grosso”, lembra Monteiro. Comportamento que provavelmente ocorrerá também na produção de ovos incubados e matrizes. As planilhas da FAEP estão sendo usadas em negociações no Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Bahia.

“Globo Rural”

Tanto assim, que o “Globo Rural”, em matéria reproduzida pelo portal G1, da Globo, veiculou uma matéria sobre avicultores de Sidrolândia(MS). Nela, a consultora Adriana Mascaranhas, da Federação da Agricultura do Mato Grosso do Sul, revelou que “a FAMASUL desenvolveu uma planilha de custos de produção, num modelo com mais de 60 itens como infraestrutura, mortalidade, número de lotes armazenados e gastos com funcionários”.

Infelizmente Adriana esqueceu de esclarecer que esteve na FAEP obtendo informações sobre a planilha de custos com o médico-veterinário Fabrício Monteiro e o economista Ademir Giroto, autores do levantamento, para implantá-la no Mato Grosso do Sul. Giroto inclusive foi “consultor” de Adriana nesse trabalho.

Reportagem divulgada, no último dia 24 de fevereiro, pelo site americano Farm Futures, especializado no agronegócio, mostra que um grupo de 34 agricultores de 10 estados norte-americanos ficou impressionado com o potencial agrícola do Brasil. Após 10 dias de viagens pelo Sul do país no início de fevereiro, os produtores americanos estiveram em Londrina, Maringá e Cascavel, onde participaram do Show Rural Copavel. A visita ocorreu num período em que a maioria das propriedades sofria com a falta de chuva. Confira os depoimentos dos gringos:

– “Fiquei surpreso com o que vi no Brasil e certamente o país é uma força no mercado atual. Eu pensava que a agricultura brasileira estava muitos anos atrás de nós, mas está igual à americana”, disse Karen Furst, que possui quatro mil hectares de terras no Colorado e no Kansas.

– “Eu estou impressionado como cada pedacinho de terra produz soja e milho. Me pergunto qual seria o impacto dessas inúmeras pequenas lavouras no mercado mundial de milho”, revela Kenny Falwell, produtor de Newport, no Arkansas.

– “O Brasil pode se tornar um parceiro, colaborador e um concorrente também. Os brasileiros contam com muitos recursos naturais e mão-de-obra mais barata em relação à americana. Com o avanço da tecnologia, os brasileiros podem superar a nossa agricultura, chegar até nós muito mais rápido do que eles poderiam há 50 anos, em termos de precisão e gerenciamento de dados”, avalia John Rigdon, produtor de milho e soja no Estado de Maryland.

O acesso dos brasileiros aos financiamentos, porém, é muito restritivo na comparação com o nosso sistema e as taxas são muito altas. Parece que o dinheiro está concentrado nas mãos de poucos. É difícil começar a agricultura em qualquer escala nos EUA, mas aqui parece que seria ainda mais difícil”, acrescenta.

– “As lutas dos agricultores brasileiros são semelhantes a dos americanos. Eles lutam com a gestão de risco, os relatórios da USDA e o Conselho de Comércio tanto quanto nós”, compara o agricultor de Ottawa, em Illinois, Randy Rosengren.

– “O Brasil é um país jovem e cheio de otimis-

Choque nos gringos

Fazendeiros americanos se impressionam com sistema agrícola no Brasil



mo, mas precisa de investimentos em infraestrutura. Acredito que no Brasil há mais foco na sustentabilidade na comparação com os EUA”, observa Dan Duval, um fazendeiro e comerciante de Green Valley, em Illinois.

> Para conferir a reportagem, basta acessar o site: <http://farmfutures.com/blogs.aspx?fcb=20&fcbp=3044&fcbpc=0&s=1/24/2012&e=3/24/2012>.

Num copo a medida das perdas na colheita da soja

“Com o mapeamento das perdas, o produtor poderá aumentar o lucro e planejar a operação da colheita”

A partir deste mês de março, o SENAR-PR distribuirá 3,5 mil copos plásticos medidores para reduzir o desperdício de grãos na colheita de soja. As estatísticas não confirmam o real volume de grãos perdidos durante a colheita, mas o número pode ser alto e, muitas vezes, o agricultor não faz as contas do que perde na sua lavoura. Com o uso do copo medidor, ele poderá conhecer melhor o processo de colheita e avaliar quantas sacas de soja está perdendo. A metodologia foi desenvolvida pela Embrapa Soja e o SENAR-PR distribuirá os copos, acompanhados por um manual, nos cursos de Operação, Manutenção e Regulagem de Colhedoras.

O técnico do SENAR-PR, Johnny Fusinato Franzon, aponta que um dos fatores que contribui para a perda de grãos na hora da colheita é a velocidade errada da máquina, que deve ser entre quatro e seis quilômetros por hora. Outro erro pode ocorrer na velocidade do molinete, a qual não pode ser excessiva e depende da especificação de cada modelo de máquina. O uso do copo medidor permite que o agricultor identifique as falhas no planejamento da colheita. “Com o mapeamento das perdas, o produtor poderá aumentar o lucro e planejar a operação da colheita”, observa.

Hoje, segundo a Embrapa, as perdas toleráveis durante a colheita são de uma saca (42 a 60 quilos) por hectare. Levantamento divulgado pela instituição, em 2008, mostra que a média de desperdício de grãos no país atingiu 2,1 sacas por hectare. No Paraná, o índice registrou uma média de 0,98 sacas por hectare.



Pelas contas de Franzon, caso o produtor tenha uma perda de cinco sacas por hectare em área de 20 hectares e com preço de R\$ 50,50, por exemplo, os prejuízos somariam em torno de R\$ 5 mil. Na estimativa dele, com esse valor o produtor poderia comprar 5,35 toneladas de adubo.



Como utilizar o copo

No manual que acompanha o copo medidor, a Embrapa explica: “As perdas de grãos na colheita mecanizada de soja são determinadas em áreas de dois metros quadrados, por meio de uma armação com medidas preestabelecidas, feita, por exemplo, com ripas de madeira e barbante (na figura 1), colocada em áreas já colhidas e transversalmente às linhas de semeadura (figura 2).

Figura 1

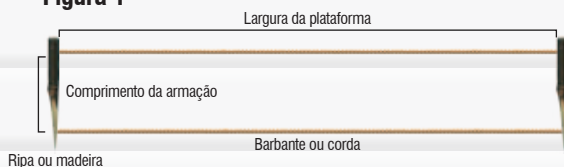
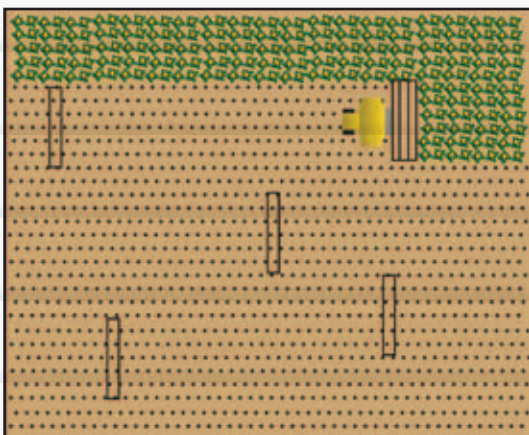
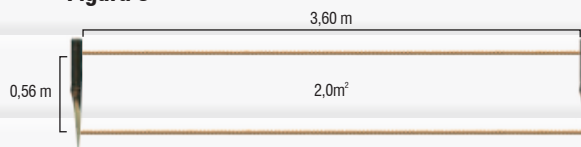


Figura 2



Para a confecção da armação, as medidas da largura da plataforma e do comprimento da armação deverão ser determinadas. Ao dividir o número dois pela largura da plataforma, tem-se o comprimento da armação. Por exemplo, sendo a área de coleta igual a dois metros quadrados e utilizando-se uma colhedora com plataforma de 3,6 metros de

Figura 3



largura, o valor do comprimento da armação será de 0,56 m (figura 3).

Após a passagem da colhedora, os grãos que estão soltos dentro das vagens na área da armação são depositados no copo medidor. O nível de perda é determinado diretamente na coluna graduada PERDA (figura 4), em 60 quilos por hectare.

Figura 4



PERDAS NO TRANSPORTE

Não há uma estatística oficial que comprove o quanto se perde na hora de transportar os grãos para fora da porteira. À medida que saem da lavoura rumo a silos, cooperativas e a portos, o derrame de grãos se torna incalculável. De um lado está a questão na infraestrutura, estradas mal conservadas e as más condições do transporte rodo-ferroviário. No outro, a falta de uma estrutura adequada para armazenar os grãos. Em setembro do ano passado a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Ministério da Agricultura e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) anunciaram que iriam discutir e aprovar o projeto sobre o estudo de perdas de grãos na pós-colheita. Não há informações sobre esse estudo.

Rústicas, rentáveis e saborosas

O cultivo de uva rústica se expande nas pequenas propriedades

Por Katia Santos - Fotos: Fernando Santos

O Brasil é o único país que produz vinho com o cultivo de uva rústica, enquanto no restante do mundo são utilizadas as chamadas uvas finas, onde o produtor cuida cacho por cacho da fruta o que eleva o custo da produção, mas resulta num produto de mais qualidade.

Na década de 1970, o cultivo da uva quase sucumbiu na região de Curitiba com uma praga chamada “pérola da terra” (que ataca as raízes). A partir de 2006 surgiu o projeto “Consolidação da Uva Rústica como Negócio da Agricultura Familiar no Paraná”.

“De lá para cá foram capacitados 1,2 mil produtores rurais e 100 técnicos e engenheiros-agrônomo”, conta Paulo Andrade engenheiro-agrônomo e responsável pela Fruticultura da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab). Além do treinamento, foi criada, em 2008, a ‘Escola do Vinho’, no escritório regional da Embrapa, em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba. Já foram capacitados pelo SENAR-PR e pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti) na Escola do Vinho 700 produtores rurais divididos em turmas com 20 participantes cada.

A retomada do cultivo da uva no entorno de Curitiba e no sul do Estado foi impulsionada pelo aumento do consumo do suco de uva em todo o país estimado em 2009 em 750 ml/per capita. Mais recentemente o Insti-





tuto Brasileiro do Vinho (Ibravin) divulgou que o mercado da uva nos últimos dois anos está apresentando um crescimento de 40% ao ano. Na safra 2010 e 2011 a extração de uvas para suco foi de 50% do total da produção de uvas comuns, e em 2012 a previsão se repete. As variedades usadas para a extração do suco são americanas e híbridas (Bordô e Isabel). A média histórica de extração para suco era de no máximo 30% do total da produção geral das uvas.

Uva x fumo

O cultivo da uva traz ao pequeno produtor rentabilidade que chega a R\$ 20 mil reais por hectare, dependendo da tecnologia utilizada e do sistema de condução, contra R\$ 2.000,00 no cultivo de soja. A informação é do coordenador de Fruticultura da Emater, Antônio Leonardecz. Além do bom retorno financeiro alguns produtores rurais do município de Palmeira estão trocando a produção de fumo pela uva ganhando também mais qualidade de vida.

Bento Robes, 62 anos, plantou fumo por 40 anos e Leonardo Puchalski, 54 anos foi fumicultor por 33 anos, e a primeira constatação da dupla foi a de que “os defensivos que usamos na uva são preventivos e as quantidades são muito menores, a proporção é de 1 para 10”, afirmam.

Puchalski iniciou seu plantio em 2010, mas só poderá contabilizar o retorno financeiro no início de 2013 quando fará a segunda colheita. “Seguimos a orientação do agrônomo da vinícola de descartar a primeira safra. Mesmo assim colhi 160 quilos de frutas doces nos 1,2 hectares e estou produzindo vinho caseiro para manter a tradição da família polonesa e doamos o restante da fruta, que teve um sabor de primeira”, conta Puchalski.

Na próxima safra, colhida entre dezembro e janeiro 2012/2013, o produtor espera uma produção de 10 a 12 mil quilos. Se os preços se mantiverem no mesmo patamar deste ano – R\$ 0,75 - ele deve ter um rendimento de R\$ 9 mil. A partir do quarto ano, ele pretende colher de 30 a 40 mil quilos.

Na propriedade de 10 hectares de Bento Robes, em 2,2 hectares estão parreirais onde ele colheu 9 toneladas de uva bordô. O agricultor comemora um aumento de 120% na produtividade em relação ao ano anterior quando colheu quatro toneladas. “Hoje tenho 5,8 mil

pés, mas quero ampliar e chegar a 10 mil”, diz. No restante da propriedade ele planta feijão, milho, batata, cebola e verduras.

Vinícola Campo Largo

Puchalski e Robes são dois dos 65 produtores que tem contrato com a Família Zanlorenzi Grupo Vinícola, conhecida pela população como Vinícola Campo Largo. A empresa iniciou um programa de incentivo de produção junto aos produtores com apoio da Emater, em 2008. No projeto a empresa financiou em cinco anos as mudas, palanque e arame, e a Emater entrou com a logística e assistência técnica.

Este ano a vinícola recebeu 150 toneladas de uvas rústicas plantadas em 75 hectares. “Nossa meta é atingir o cultivo em 300 hectares de produtores que estejam em um raio de 100 km”, informa o engenheiro-agrônomo da vinícola, Fernando Filus Pierin. Ele é responsável pelo acompanhamento técnico do trabalho, que envolve orientações sobre o plantio, preparo do solo, escolha da variedade de uva mais indicada para cada região e a colheita.

Com este projeto, já foram distribuídas 130 mil mudas certificadas, plantadas em 75 hectares distribuídos em 60 propriedades nos municípios de Campo Largo, Balsa Nova, Lapa, Quitandinha, Piên, Rio Negro, Antônio Olinto, São João do Triunfo, Palmeira e Imbituva.

Venda direta

Com a capacitação e a assistência técnica outros produtores tiveram a oportunidade de revitalizar parreirais antigos e optar por outra forma de comercialização como a venda direta ao consumidor. Como, por exemplo, Mauro Sergio Perussi e Diogo Durigan, ambos com 36 anos, do município de Almirante Tamandaré.

Perussi revitalizou um parreiral centenário plantado pelos seus avós com 600 plantas e buscou financiamento para outras 1.200 plantas. “Com informação consegui, ao longo de sete anos, aumentar a produção desta área antiga de uma para quatro toneladas”, diz.

Este produtor comercializa sua produção diretamente ao consumidor com um preço médio por quilo de R\$ 3,00. “Quando processo a fruta produzindo suco, vinho ou geleia, triplico este valor. Mas para isso preciso de certificação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e isto também gera outros custos, mas compensa”, explica.



1. Bento Robes tem um parreral com 5,8 mil pés e quer chegar a 10 mil

2. Maria Lucia e Wagner Faltes apoiam a troca do fumo pela uva: mais renda e saúde

3. Da esquerda para direita: Diogo Durigan, Antonio Leonardecz e Dionísio Durigan

4. Com capacitação Mauro Perussi revitalizou 600 plantas centenárias

5. Leonardo Puchalski: "Cultivar uva é muito melhor do que o fumo, pois estamos produzindo alimento"



FORMAS DE PRODUÇÃO

O coordenador de Fruticultura da Emater, Antônio Leonardecz explica que a produção de uva rústica pode ser feita em três sistemas, que apresentam índices de produtividade diferentes. Ele orienta o produtor que quer iniciar o cultivo da uva a planejar bem a atividade. "Primeiro ele deve buscar informação com um técnico; definir e escolher o canal de comercialização; depois programar a compra das mudas que devem ser adquiridas de bons viveiros. Atualmente eu recomendo apenas três em todo o país", diz.

Formas de plantio da uva rústica:

1. Latada – é o mais produtivo pode chegar a produzir 35 mil quilos por hectare.
2. Em formato 'Y' manjedoura – 27 mil quilos por hectare.
3. Espaldeira – entre 18 a 20 mil quilos por hectare.

O técnico informa ainda que o produtor precisa estar consciente que ele terá rendimento a partir do segundo ano quando o parreiral produzirá de 15 a 20% do seu potencial; no terceiro ano o percentual sobe para 60% e no quarto ano atinge 100%. "É preciso se programar", alerta.

O custo de implantação desde o primeiro ano com a aquisição de palanques, mudas, preparação do solo e mudas é de R\$ 27 mil por hectare. A partir do segundo ano no sistema de latada (o mais rentável, (veja quadro) o retorno financeiro se intensifica e no quarto ano atinge 100% de produtividade.

Diogo Durigan é outro produtor que também está satisfeito com a cultura da uva e a opção da venda direta. Em 14,5 hectares ele junto com o pai Dionísio Durigan, 62 anos e o primo cultivam no período de verão uva de mesa, ameixa e pêsego. A comercialização é feita no bairro Santa Felicidade, em Curitiba.

O produtor optou por investir na cobertura de 1.300 plantas do parreiral, em 2011, que depois da colheita é retirada para preservar o material e dar vida longa à ferramenta.

"O investimento é alto, mas o retorno é garantido tanto na economia da aplicação de agrotóxicos, reduzi de 18 para três de aplicações agrotóxicos, pois o plástico elimina a umidade que é a causadora das doenças fungicas e contribui para o aumento da produtividade. Com a cobertura, também me livro das intempéries do clima, que é a principal causa de prejuízos", finaliza.



Na ponta dos

Difilmente algum morador urbano vai decifrar o significado da palavra “casqueamento”. Mas é apenas com os cuidados de uma sessão dessa atividade por um trabalhador treinado é que se obtém o bem-estar e saúde das patas dos cavalos. Por consequência, um bom desempenho.

Para levar informação e conhecimento de ponta ao produtor e ao trabalhador rural, o SENAR-PR reformulou e modernizou o conteúdo do curso - Trabalhador na Equideocultura – avaliação de aprumos, casqueamento e ferrageamento equino. A mudança é fruto de intercâmbio técnico entre o SENAR-PR e o Senar Minas Gerais.

O novo curso apresenta uma abordagem diferenciada, onde o produtor aprende a avaliar o animal desenvolvendo um ‘olhar clínico’, observando os movimentos de rotação do casco e o equilíbrio do cavalo, para, numa segunda etapa, executar o trabalho de correção e colocação de ferraduras.

O novo curso do SENAR-PR prepara o trabalhador para deixar o animal confortável. “É o equilíbrio do animal que vai deixar o cavalo vistoso. Uma pequena fissura no casco causa desconforto, dor e desequilíbrio podendo provocar até a queda da pessoa que utilizar o animal”, explica o médico-veterinário e técnico do SENAR-PR, Alexandre Lobo Blanco.

Mineiros e paranaenses

A reformulação começou em 2011 por meio de uma parceria entre o SENAR Paraná e Minas Gerais com o instrutor Marco Antônio Chaves, da cidade de Divinópolis (MG). Chaves atua na área há 30 anos e já foi criador e juiz de raça de cavalos. “O trabalho desenvolvido por este instrutor é muito concorrido e focado no bem estar do animal, básico ao bom desempenho do animal”, completa Blanco.

A formação de instrutores foi feita em Santa Isabel do Ivaí em setembro de 2011,



**População
de equinos
no Paraná
341.481.**

**População
de equinos
no Brasil
5.514.253.**

(fonte IBGE)



cascos

SENAR-PR tem
novo curso de casqueamento



Chaves durante o curso em Santa Isabel do Ivaí - PR

com 11 instrutores e permitiu que o SENAR-PR avaliasse a parte prática e viabilidade do novo curso. O foco do SENAR-PR é para animais que são utilizados para o trabalho e não a outras finalidades como o esporte, raça/reprodução e patrulha.

O novo curso tem 32 horas de duração e deve ser realizado em um local plano e tranquilo com sala para aula teórica. Este é um dos poucos cursos do SENAR-PR, que exige a presença de um auxiliar junto com o ins-

trutor. Os interessados nesse curso devem procurar o sindicato rural de sua cidade

Muito antes de Cristo

Existem mais de 300 raças de cavalos no mundo de hoje, desenvolvida para diversos usos. Cavalos e seres humanos interagem em competições esportivas e não-competitivas, atividades recreativas, no trabalho da polícia, agricultura, entretenimento e terapia.

A mais antiga evidência arqueológica para a domesticação do cavalo vem da Ucrânia e Cazaquistão, datando de aproximadamente 3500-4000 aC. Em 3000 aC, o cavalo foi completamente domesticado e em 2000 aC, houve um aumento acentuado no número de ossos de cavalo encontrada nos assentamentos humanos no noroeste da Europa, indicando a propagação de cavalos domesticados por todo o continente.

Os primeiros cavalos foram introduzi-

dos no Brasil pelos colonizadores portugueses por volta do ano 1541. Eram mestiços de Garranos e Pôneis galegos trazidos do norte de Portugal. Depois, por um longo período, nada mais se registrou sobre estes cavalos no Brasil.

A história começou a mudar, no entanto, a partir de 1808, com a chegada dos tradicionais cavalos selecionados na Real Coudearia de Alter. Foram trazidos pelo Príncipe Regente D. João VI e pela Família Real, que

se transferiram para o Brasil devido às invasões Napoleônicas na Península Ibérica. Em 1821, D. João VI presenteou Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas, com o garanhão Sublime, que passou a ser usado juntamente com outros reprodutores Lusitanos no cruzamento com éguas “crioulas”, originando-se destes cruzamentos a base das raças Mangalarga e Campolina, selecionadas no sul de Minas Gerais, mais precisamente na região de Campanha.

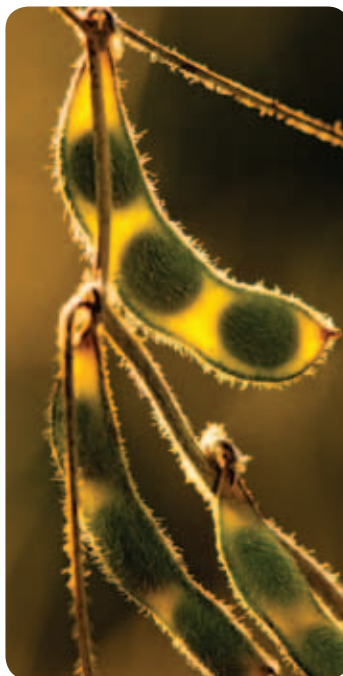
Confira um resumo das etapas de casqueamento e ferrageamento do cavalo:

1. Limpeza dos cascos.
2. Avaliação do andar.
3. Avaliação dos cascos.
4. Contendo o animal para iniciar o trabalho.
5. O casco após a limpeza.
6. Colocando a ferradura.



Ruins na fotografia

Os resultados das principais culturas do Estado Paraná reduzem a área de trigo em 15%



Em sua primeira estimativa para a safra de trigo de 2012, o Paraná estimou um plantio de 891,3 mil hectares, queda de 15% na comparação com a safra anterior. Os preços mais favoráveis do milho contribuíram para que muitos produtores migrassem para a cultura. Se forem mantidas as condições normais de clima durante o desenvolvimento da cultura, a produção de trigo poderá superar ligeiramente, em cerca de 4%, o resultado do ano passado e com isso poderá atingir um volume de 2,51 milhões de toneladas com produtividade média de 2.817 kg/ha. Entre 2009 e 2012, a área de trigo no Estado reduziu 32%, o equivalente a 420 mil hectares, reduzindo a produção do cereal para 2,51 milhões de toneladas.

“Esse cenário demonstra que o governo federal deve definir uma política de incentivo à produção e à comercialização do trigo. No caso de uma quebra de safra na Argentina (nosso principal fornecedor), a tendência é de aumento de preços que pressionam a inflação”, diz o economista Pedro Loyola, coordenador do Departamento Técnico Econômico da FAEP.

Está aí a explicação para aquela dona de casa que não entende porque em alguns anos o preço do pão sobe. Um dos motivos é que os preços pagos aos produtores nacionais são desestimuladores e com a redução de área e maior importação de trigo, a tendência é dependência do produto importado.

Perda de 30% na safra de soja 2011/12

O Deral (Departamento de Economia Rural) do governo do Paraná divulgou, dia 27, seus números atualizados sobre a safra de grãos no estado. O departamento estima uma quebra de 30% na safra de soja, que pode totalizar 10,724 milhões de toneladas. No ano passado, foram colhidas 15,343 milhões de toneladas.

Os dados do Deral apontam para um declínio de 2% da área, que teria passado de 4,481 milhões para 4,376 milhões de hectares e ainda uma queda de 28% na produtividade das lavouras paranaenses. O rendimento recuou de 3.424 mil para 2.551 quilos por hectare.

Queda na produtividade do milho

Para a primeira safra de milho do Paraná na temporada 2011/12, a estimativa é de 6,043 milhões de toneladas. No ano passado, esse volume foi 1% maior e totalizou 6,111 milhões de toneladas.

Os números divulgados trazem um aumento na área de 23%. Na safra anterior foram 776.684 mil hectares contra os 995.656 mil hectares previstos para este ciclo.

Sobre a produtividade, o grão registrou o mesmo recuo da soja de 28%, e o rendimento passou de 7.869 quilos para 6.427 quilos por hectare.

Somos 190 milhões (IBGE 2010) de habitantes e nesse universo 97,3 milhões são mulheres. Dia 8 de março é o Dia Internacional da Mulher, data que simboliza as conquistas da população feminina na sociedade. Hoje, no Brasil, cerca de 15% dos habitantes vivem no campo. As estatísticas, porém, não revelam o número de mulheres que moram na área rural, mas não há dúvidas quanto ao duplo papel exercido por elas: trabalhadoras, produtoras e chefes de família. Entre as lideranças sindicais da FAEP, três mulheres dividem as atividades na propriedade com a presidência dos sindicatos.

Há três anos no comando do Sindicato Rural de Uraí, no norte do Estado, Sueli Maria Bachim dos Santos sente orgulho por representar a classe feminina. Filha de agricultores e professora aposentada, ela cuida das atividades do sindicato e ajuda o marido na administração da propriedade, a 8 km de Uraí. Nos seus 10 anos de vida sindical, mãe de três filhos, avalia que a figura da mulher, que antes só cuidava da casa, do marido e filhos, mudou nos últimos anos. “As mulheres estão participando das decisões dentro da propriedade e algumas tomam conta sozinhas da administração”, destaca, acrescentando que a participação feminina aumentou nas reuniões do sindicato. “O papel da mulher é essencial para o desenvolvimento da propriedade”, resume.

A engenheira-agrônoma Lisiane Rocha Czeck, presidente do Sindicato Rural de Teixeira Soares, nos Campos Gerais, ocupa o cargo desde 2008. Como sempre foi ligada a terra, se formou e voltou a morar propriedade da família, a 20 km de Teixeira Soares. Enquanto toma conta das atividades do sindicato, cuida da casa, dos dois filhos e administra uma leiteria. “Acredito que a mulher tem mais habilidade para dividir o tempo entre uma atividade e outra”, observa.

Como Sueli e Lisiane, a presidente do Sindicato Rural de Porecatu, no Norte do Estado, a engenheira-agrônoma Ana Thereza da Costa Ribeiro, também divide as tarefas sindicais com o gerenciamento da propriedade da família e os cuidados com o filho que nasceu há 60 dias. “Não é

Com vocês: nossas líderes



Da esquerda para direita: Sueli, Lisiane e Ana Thereza

O DIA INTERNACIONAL DA MULHER

No Dia 8 de março de 1857, cerca de 130 operárias de uma fábrica de tecidos de Nova Iorque, EUA, fizeram uma grande greve para reivindicar melhores condições de trabalho. A paralisação acabou se transformando em tragédia. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que depois foi incendiada. O Dia Internacional da Mulher foi oficializado pela Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 1975 em homenagem às operárias.

fácil conciliar a vida de mãe com as outras atividades, mas a mulher sempre dá conta”, diz. Desde 2006 está na presidência do sindicato e avalia que o perfil da mulher no campo mudou nos últimos anos. “A capacitação fez a diferença”, justifica.

Ói ele de novo

O advogado Joarez Cação Ribeiro, consultor da FAEP faz os seguintes esclarecimentos sobre as normas para a Declaração do Imposto de Renda – Pessoa Física, exercício de 2012, ano base de 2011.

Está obrigado a apresentar declaração quem:

- Teve rendimentos tributáveis sujeitos ao ajuste na declaração, cuja soma foi superior a R\$ 23.499,15
- Recebeu rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte, cuja soma foi superior a R\$ 400.000,00
- Obteve, em qualquer mês, ganho de capital na alienação de bens ou direitos, sujeitos à incidência do imposto, ou realizou operações em bolsas de valores, de mercadorias, de futuros ou assemelhados.

Para a atividade rural:

- Quem obteve receita bruta no valor superior a R\$ 117.495,75;
- Pretenda compensar, no ano calendário de 2011 ou posteriores, prejuízos de anos calendário anteriores ou do próprio ano calendário de 2011;
- Teve em 31 de dezembro, a posse ou a propriedade de bens ou direitos, inclusive a terra nua, de valor superior a R\$ 300.000,00;
- Passou a condição de residente no Brasil em qualquer mês e nesta condição se encontrava em 31 de dezembro;
- Optou pela isenção do Imposto de Renda incidente sobre o ganho de capital auferido na venda de imóveis residenciais, cujo produto da venda seja aplicado na aquisição de imóveis residenciais localizados no país, no prazo de 180 dias contados da celebração do contrato de venda, nos termos do art. 39 da lei 11.196 de 21.11.2005.

*A pessoa física, mesmo desobrigada, pode apresentar a Declaração de Ajuste Anual.



Desconto simplificado

A pessoa físicas podem optar pelos descontos simplificado em substituição a todas as deduções admitidas na legislação tributária, pelo desconto de 20% calculado sobre o valor dos rendimentos tributáveis na Declaração de Ajuste Anual, limitado a R\$ 13.916,36.

É vedada a utilização do desconto simplificado na hipótese de o contribuinte pretender compensar prejuízos da atividade rural ou imposto a pagar no exterior.

O valor utilizado a título de desconto simplificado de que trata esta instrução não justifica variação patrimonial, sendo considerado rendimento consumido.

CURSOS NOS CTAs

Os Centros de Treinamento Agropecuário do SENAR-PR estão oferecendo cursos de Imposto de Renda para funcionários iniciantes no sistema sindical rural, nos seguintes locais e datas:

CTA de Assis Chateaubriand - 26 a 27 de março de 2012

Endereço: Av. Sesquicentenário, s/n.

CTA de Iporã - 29 e 30 de março de 2012

Endereço: Estrada da Água Bonita s/n (estrada velha para Jataizinho).

Confirmar presença até o dia 20 de março no Departamento Sindical com Jane Fábica Domênica através do e-mail e

Mais informações: sindical@faep.com.br - Fone (041)21697963.



Caixão biodegradável

Econatur, uma empresa hispano-andorrana (de Andorra), lançou o primeiro caixão biodegradável do mundo, que se dissolve na água em somente 24 horas e ao ser enterrado se desfaz em nutrientes orgânicos para o solo. É feito de areia e gelatina, material que dá consistência e proporciona seu caráter biodegradável. Na Espanha, 20% das pessoas que morrem são cremadas, mas ainda está longe dos 98,7% do Japão e 72,1% na Grã-Bretanha ou 71,2% da Dinamarca.



Por hora

O sol produz 13×10^{21} kWh (13 sextilhões de quilowatts-hora), algo como 1 sextilhão de hidrelétricas de Itaipu (ainda maior usina do mundo em produção de energia).

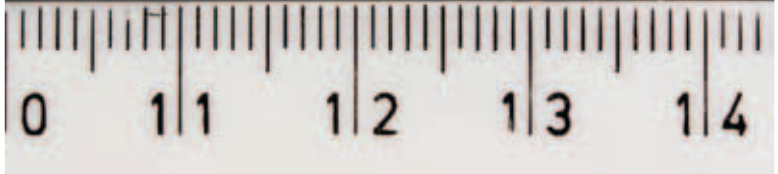


Supermercados

O dono do título de primeiro supermercado é o King Kullen, inaugurado em 1930 pelo empresário americano Michael Cullen. A estratégia do pioneiro era simples: ele comprou um galpão industrial, adaptou o lugar para vender comida e deixou que as pessoas se servissem sozinhas.

As mais distantes

As ilhas do arquipélago de Trindade e Martim Vaz são os pontos mais distantes do continente brasileiro. No meio do oceano Atlântico, o arquipélago fica a 1.167 quilômetros de Vitória (ES), a capital capixaba, e a aproximadamente 2.400 quilômetros do continente africano.



Há um século, o Titanic

No próximo dia 15 de abril de 2012, fará um século que o Titanic afundou ao chocar-se com um iceberg no Atlântico Norte no final da noite anterior. Foi durante sua viagem inaugural, entre Southampton, na Inglaterra, e Nova York, nos Estados Unidos. O transatlântico era, na época, o maior navio de passageiros do mundo. Com 2.240 pessoas a bordo, o naufrágio resultou na morte de 1.523 pessoas, hierarquizando-o como uma das piores catástrofes marítimas de todos os tempos.



Dia sagrado

Na Suíça você tem mais tempo para a macarronada da mama ou para ir à missa: é proibido lavar o carro aos domingos. Não adianta insistir: você tem outros seis dias para isso!

As gafes dos poderosos

Lula, ex-presidente:

“Por isso que água é salgada. É por causa do pré-sal? Eu pensei que fosse por causa do xixi que as pessoas fazem na praia, no domingo”, disse, dirigindo-se a Guilherme Estrella, diretor de Produção e Exploração da Petrobrás. Em discurso durante o lançamento do Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca e Aquicultura, em Salvador-BA. “Da mesma forma que a gente faz a reforma agrária na terra, é preciso fazer uma reforma aquária, na água”.

Silvio Berlusconi, ex-primeiro ministro italiano:

Durante uma visita a sobreviventes de um terremoto na região de Abruzzo, no centro da Itália, que estavam em barracas improvisadas, Berlusconi afirma: “Eles deveriam ver isso como um camping de fim de semana”. “Apenas Napoleão fez mais do que eu”, disse ele num programa de televisão. “Mas certamente eu sou mais alto”.

Bush, ex-presidente norte-americano:

“Eu acho a guerra um lugar perigoso”. “Vocês também têm negros?” Pergunta feita a Fernando Henrique, de acordo com a revista alemã “Der Spiegel”. Bush discursa em Londres e diante da rainha lembra que “ela visitou os Estados Unidos em 1776”, Elisabeth II hoje com 86 anos, mas firme e forte lançou-lhe um olhar fulminante. Como o encontro foi em 2007, Bush deu à velhinha 231 anos.



Mar morto

Com exceção da bactéria *Haloarcula marismortui*, que consegue filtrar os sais e sobreviver, não há vida no Mar Morto. Ninguém consegue afundar nas suas águas devido à alta concentração salina, que o torna muito mais denso do que o corpo humano. Os oceanos têm uma média de 35 gramas de sal por litro de água, enquanto o Mar Morto tem quase 300 gramas. O Mar Morto está localizado na divisa entre Israel e Jordânia.





CURSOS

Jandaia do Sul



Básico de Milho

O Sindicato Rural de Jandaia do Sul, em parceria com o SENAR-PR e a Agência do Trabalhador de Bom Sucesso, realizou o curso de Produção Artesanal de Alimentos - Beneficiamento e transformação caseira de cereais - básico em milho. O curso com 10 trabalhadoras e produtoras rurais aconteceu nos dias 2 e 3 de fevereiro na cidade de Bom Sucesso, extensão de base do Sindicato Rural de Jandaia do Sul. A instrutora do grupo foi Maria de Fátima Bitencourt.

Grandes Rios



Posse

Foi empossada a nova diretoria do Sindicato Rural de Grandes Rios no dia 9 de fevereiro. Continua como presidente da entidade Gilberto Bernini, como vice-presidente Caldenir Dalos e como tesoureiros Antônio Alves Marcal e José Lino Dal Bem. Esta diretoria fica no cargo até 9 de fevereiro de 2015.

Mangueirinha



Posse

No dia 6 de fevereiro foi empossada a nova diretoria do Sindicato Rural de Mangueirinha. Esteve presente à solenidade o vice-presidente da FAEP, Ivo Polo. Foram empossados: como presidente Milton Luis Felskircher; vice-presidente Darcilo José Scolari e como tesoureiros Ivanor Luiz Caneppele e Juarez Alberti. Esta diretoria fica no cargo até 6 de fevereiro de 2015.

Ubiratã



Inclusão Digital

O Sindicato Rural de Ubiratã em parceria com o SENAR-PR, Prefeitura e o Serviço de Obras Sociais (SOS) realizou no período de 6 a 10 de fevereiro o curso de Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris Inclusão Digital – básico 16h, atendendo a 13 trabalhadores e produtores rurais. Os participantes tiveram a oportunidade de aprender a manusear programas de computadores pela primeira vez. O objetivo do sindicato é aproximar as novas tecnologias do público rural e para isso está buscando outros parceiros para oferecer outros cursos como: Excel Básico, Informática Básica Inclusão digital-avançado.

Goioerê



Posse

Foi empossada a nova diretoria do Sindicato Rural de Goioerê no último dia 10 de fevereiro. Esteve presente à solenidade o diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia; o prefeito de Rancho Alegre do Oeste, Valdinei Pelói, o chefe do Núcleo Regional da Educação, Aristeu Geniz, o presidente do Sindicato Rural de Mariluz, Mar Sakashitas, entre outras lideranças ligadas a agricultura, em especial representantes de cooperativas e da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, Conselho Municipal Sanidade Agropecuária e Emater de Goioerê e Região. Foram eleitos como presidente Pedro Antônio de Oliveira Coelho; vice-presidentes: Sergio Fortis, Joaquim Pedro Moura, Mauro Euclides Carlucci e Martinho Arroyo Lopes e como tesoureiros: Marcio Luiz Bonesi, Arnaldo Paes de Proença e Arnaldo Francisco Cobo.

Nova Cantú

Posse

No dia 10 de fevereiro tomou posse a nova diretoria do Sindicato Rural de Nova Cantú. Foi reeleito como presidente do sindicato Ademir Borgio junto com ele também foram eleitos: João Luiz Borgio como vice-presidente e os tesoureiros Reinaldo Bonotto e Gilmar Borgio. Esta diretoria fica no cargo até 14 de fevereiro de 2015.



Colorado



Gestão de Pessoas

O SENAR-PR em parceria com o Sindicato Rural de Colorado e a Usina Alto Alegre realizou o Curso Gestão de Pessoas - Cana Motivacional para 45 participantes no dia 27 de janeiro. O instrutor do grupo foi Luiz Paulo Corso que abordou conteúdos voltados para um maior comprometimento no trabalho, relacionamento humano e integração entre os colegas.

Bituruna



Olericultura

Nos dias 30 e 31 de janeiro foi realizado o curso de Trabalhador na Olericultura Básica na comunidade do assentamento Etiene, no município de Bituruna, que teve como instrutor Luiz Sergio Kreпки. O curso foi oferecido pelo SENAR-PR em parceria com o Sindicato Rural de Bituruna. O curso, com 12 participantes, também foi acompanhado pelos técnicos da Fundação Terra, pela engenheira-agrônoma Niléia Mattiola e pelo técnico agrícola Marlos De Bastiani. Foram abordados temas que vão à produção de mudas até plantio e comercialização. A atividade é de muito importante para a comunidade, pois os agricultores podem acrescentar mais uma cultura e fonte de renda nas propriedades.

Terra Roxa

Roubos em série

Assaltos e roubos se tornaram frequente nas áreas rurais do Estado, mas em Terra Roxa (16.647 habitantes - IBGE 2010), na divisa com o Estado do Mato Grosso do Sul e o Paraguai, vem se superando. No relato do Sindicato Rural do município há o pedido de reforço na fiscalização dos postos da Polícia Rodoviária Federal e da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab) na fronteira com aquele país. Somente no último mês de fevereiro, três veículos Gol, da marca Volkswagen, foram roubados no pátio da principal paróquia da cidade durante uma missa. Um empresário que não pode ser identificado devido às ameaças sofridas, bateu o recorde. Ele teve três caminhões tanques resfriadores de leite roubados sucessivamente. No primeiro o dono do veículo foi rendido, amarrado pelos assaltantes e teve o veículo repleto de leite levado possivelmente ao Paraguai, pela ponte Airton Senna (Guaira-Mundo Novo-Salto de Guayrá). Comprou outro caminhão e foi roubado e finalmente o terceiro, no início de fevereiro completou a série. “Nós precisamos reforçar a fiscalização nos postos para impedir que os veículos sejam roubados e levados para o Paraguai”, justifica a diretoria do Sindicato. O curioso é que na ponte Airton Senna há fiscalização da Seab e da Polícia Rodoviária Federal.

CMN aprova medidas para o Sul

O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou quarta-feira (29) alterações nas condições para a renegociação de dívidas de produtores rurais, que tiveram perda de renda em função da estiagem na região Sul do país. Assim, os agricultores de municípios em situação de emergência, reconhecida pelo governo federal, poderão prorrogar o pagamento de empréstimos de custeio e investimento, inclusive de parcelas negociadas de anos anteriores.

Outro voto aprovado pelo CMN simplifica a contratação de projetos no programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC). Com isso, o financiamento para a compra de máquinas poderá ser feita pelo programa, que atualmente só contempla a aquisição de insumos e serviços.

O Conselho também aprovou uma linha de crédito para financiar a estocagem de etanol combustível. Entre os beneficiários da medida estão usinas, destilarias, cooperativas de produtores e empresas comercializadoras do produto desde que sejam cadastradas na Agência Nacional de Petróleo, Biocombustíveis e Gás Natural (ANP). A medida visa reduzir a volatilidade de preço e contribuir para a estabilidade da oferta do produto.

Detalhes: http://www.fazenda.gov.br/portugues/documentos/2012/votos_agricolas_%20CMN_29022012.pdf

Esclarecimento

Sindicato Rural de Pato Branco

Na matéria “A expansão das sementes transgênicas” (BI 1166) o produtor e presidente do Sindicato Rural de Pato Branco, Oradi Francisco Caldato, faz um relato da sua experiência com as sementes transgênicas.

Quando o produtor fala da comparação do custo de produção com as sementes modificadas e as tradicionais, ele se refere ao trato de limpeza das ervas daninhas, que Caldato teve, após a terceira tentativa com herbicidas convencionais e sem sucesso, e não apenas do custo de produção – plantio, tratos culturais e colheita, que são iguais nos dois diferentes tipos de sementes.

Força Verde Mirim em Santa Isabel do Ivaí

O presidente do Sindicato Rural de Santa Isabel do Ivaí, Antônio Ademir Gomes criou a primeira turma do Projeto Força Verde Mirim no município. O curso com 48 horas/aula trabalha além do tema meio ambiente, valores como a disciplina e cidadania. A formatura dos 32 adolescentes, com idade entre 10 e 14 anos, aconteceu dia 16 de fevereiro.

Para transformar o projeto em realidade Gomes obteve o apoio do prefeito José do Carmo Lavagnolio por intermédio do Conselho Municipal e Assistência Social (CRAS), que selecionou os alunos e cedeu o espaço para as aulas. O sindicato arcou com as despesas de deslocamento e viagem do tutor - o soldado Riverson do Batalhão da Polícia Ambiental de Maringá e a alimentação dos alunos.

Entre os conteúdos abordados no projeto: Fauna; Flora; Poluição do ar, água e solo; Agrotóxicos; Pré-reciclagem, reciclagem, reutilização e correto armazenamento do lixo; Mineração; Pesca; Civismo Ordem Unida. Este ano a parceria continua e estão previstas novas turmas que serão selecionadas pelo CRAS.

Unopar: mestrado pioneiro em Medicina Veterinária

A Universidade Norte do Paraná (Unopar) em associação com a Universidade Estadual de Londrina (UEL) constituiu o Mestrado em Saúde e Produção de Ruminantes, mestrado acadêmico inédito no Sul do Brasil. O projeto aprovado pelo Ministério da Educação será realizado em associação temporária com o Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da UEL. O prazo de inscrição vai até cinco de março. Confira outros detalhes em: mestradoruminantes@unopar.br <http://www2.unopar.br/sites/mestrado-ruminantes/>

Dicas de português: Presidenta ou Presidente?

É muito comum, no dia a dia, nos cursos que ministro e em conversas informais, pessoas me perguntarem se está certo falar (e escrever) presidenta. Contrariando o que muitos acham, presidenta também está certo. Ambas as formas estão corretas. Existem nomes (substantivos e adjetivos) que são de dois gêneros, ou seja, o artigo (masculino ou feminino) é que os define. Vejam-se alguns exemplos: o dentista/a dentista, o cliente/a cliente, o gigante/a gigante, o presidente/a presidente.

Muitos desses nomes admitem femininos como: a parenta, a hóspeda, a giganta. Além do mais, o feminino de mestre é mestra, o de elefante é elefanta (ou aliás), o de infante é infanta e o de monge é monja (muda para “j” por questões fonológicas). A Voz do Brasil, quando se refere à nossa presidente ou presidenta, diz presidenta. As gramáticas, o Vocabulário Ortográfico (Volp), os dicionários da Língua Portuguesa são ótimos orientadores.

Prof. Geraldo Xavier Silveira, Instrutor de Língua Portuguesa.

Cartas

Prezado Ágide Meneguette

Agradecemos à FAEP pela ampla divulgação de matérias na revista do Sistema (Boletim Informativo 1166), de 13 a 19 de fevereiro de 2012, sobre o Show Rural Coopavel. Obrigado pela participação na 24ª Edição do Show Rural Coopavel, que foi mais um exemplo de superação do agronegócio nacional.

Atenciosamente

Dilvo Grolli, diretor Presidente da Coopavel.



Av. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124
www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente

Ágide Meneguette

Vice-Presidentes

Moacir Micheletto, Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Polo e Ivo Pierin Júnior

Diretores Secretários

Livaldo Gemin e Pedro Paulo de Mello

Diretores Financeiros

João Luiz Rodrigues Biscaia e Paulo José Buso Júnior

Conselho Fiscal

Sebastião Olímpio Santarozza, Luiz de Oliveira Netto e Lauro Lopes

Delegados Representantes

Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana



SENAR - Administração Regional do Estado do PR

Av. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar
CEP 80010-010 | Curitiba | Paraná
Fone: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779
www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo

Presidente: Ágide Meneguette - FAEP

Membros Efetivos:

Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal:

Sebastião Olímpio Santarozza, Luiz de Oliveira Netto e Jairo Correa de Almeida

Superintendência:

Ronei Volpi



Coordenação de Comunicação Social:

Cynthia Calderon

Redação:

Christiane Kremer, Hemely Cardoso, Katia Santos

Diagramação, Ilustração e Projeto Gráfico:

Alexandre Prado

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR.

Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Mortadela agora é "comfortfood"

– Me veja umas 250 gramas de “mortandela”, bem fininha.

O pedido, acrescentando o “n” inexistente na mortadela era feito nos armazéns e mercearias quase sussurrado, envergonhado. Algumas décadas atrás comer mortadela era coisa de “pobre”.

Pobre mesmo foi quem não se deliciou desde criança com o pão d’água ou francesinho recém saído do forno, recheado com mortadela.

Na edição da última semana de fevereiro o respeitado caderno “Paladar” do jornal “O Estado de São Paulo” dedicou-se a contar em três páginas boas histórias desse produto que dá fama e é a personagem mais ilustre da cidade onde nasceu: Bolonha, na Itália. Lá, em 1661, o cardeal Farnese estabeleceu regras precisas para a fabricação da mortadela, “de carne suína e levemente temperada com pimenta preta”.

Na grande variedade de mortadelas produzidas no Brasil, há miúdos de suíno e de aves e tendões no lugar das tiras de gorduras suínas cozidos à 88° C. Como não temos um cardeal como Farnese, as normas são do Ministério da Agricultura, de 2000, que permite quase tudo na mistura-base.

Mas há mortadelas e mortadelas ou “mortandelas” e “mortandelas”. Faz tempo que mortadela deixou de ser “coisa de pobre” e o “Estadão” ao lhe dedicar a ampla matéria, carimbou que ninguém mais precisa pedir ou pegar a dita cuja em supermercado com vergonha. É “chic” a opção pela bolonha defumada, mais carinha e mais saborosa.

Os “experts” dizem que a moda agora é a daqueles produtos com ingredientes mais simples, “buscando as raízes, as tradições da infância, a chamada “comfortfood” (comida confortável), na eterna macaquice com termos em inglês pra tudo. Quem diria, comida de pobre virou “comfortfood”.



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___

Em ___/___/___

Responsável